

Demetriou, Tania e Tomlinson, Rowan. *The Culture of Translation Early Modern England and France, 1500–1660*. United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2015, 244 p.

Luciana Alves da Silva¹

¹Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

Um colóquio ocorrido na Universidade de Oxford foi o evento impulsionador do que mais tarde se tornaria *The Culture of Translation Early Modern England and France, 1500–1660*. A partir desse evento, organizado pela fundação John Fell e pelo centro de pesquisa da Universidade de Saint John, foram levantadas questões que seriam discutidas mais aprofundadamente na obra publicada em 2015. *The Culture of Translation Early Modern England and France, 1500–1660*, organizado por Tania Demetriou e Rowan Tomlinson, conta com uma introdução feita pelas autoras e dez capítulos, cada um composto por um artigo de um pesquisador. Professora de literatura inglesa pré-moderna na Universidade de York, Tania Demetriou está à frente do desenvolvimento de pesquisas na área de recepção de textos clássicos, especialmente gregos, na Idade Moderna. Rowan Tomlinson é professora de língua francesa na Universidade de Bristol e dedica-se à pesquisa em história literária, cultural e intelectual da Renascença francesa.

Na introdução, Tania Demetriou e Rowan Tomlinson enfatizam a importância do francês como uma língua mediadora das traduções de outros idiomas para o inglês, aspecto que, surpreendentemente, não tem sido devidamente abordado pelos historiadores da tradução.



A retradução de Plutarco, empreendida por Thomas North por meio da tradução de Jacques Amyot para o francês, é um entre muitos exemplos elencados dessa prática. A partir de um banco de dados intitulado *Renaissance Cultural Crossroads database*, resultante de uma pesquisa realizada em 2010 e cujo objetivo era catalogar todas as traduções entre diversas línguas publicadas durante a idade pré-moderna na Inglaterra, Escócia e Irlanda, tendo como base o *English Short Title Catalogue*, as autoras apresentam um gráfico demonstrando a porcentagem de cada idioma como língua mediadora nas traduções feitas para o inglês entre 1500 e 1660. Demetriou e Tomlinson apontam que 40% das traduções para o inglês nesse período – incluindo as traduções não-literárias – não foram feitas a partir do texto original, mas por intermédio de uma versão francesa. Ao considerar o latim como língua mediadora nesse mesmo contexto, as autoras indicam a quantidade de 42% das traduções, presumindo-se que a maior parte dos textos de partida foram escritos em grego.

The Culture of Translation Early Modern England and France, 1500–1660 explora as variadas modalidades e intervenções relacionadas à tradução na Inglaterra e na França, importantes polos de produção literária e cultural no início da Idade Moderna. Embora marcados por tradições literárias e tradutológicas distintas, os dois países estiveram sempre vinculados por laços políticos, comerciais, intelectuais e religiosos. Dedicando especial atenção aos parâmetros tradutórios compartilhados por essas culturas, a obra defende que a interação entre esses parâmetros é importante fato que merece mais atenção nos Estudos da Tradução. Os artigos dispostos no livro focam em nomes relevantes nesse contexto, como Mary Sidney, Michel de Montaigne e Florio, Urquhart e Rabelais, além de comprovar o quanto a tradução exerceu papel fundamental nos grandes movimentos culturais experienciados em paralelo nas duas nações.

Os ensaios que compõem a obra abordam, quase em sua totalidade, a tradução de textos canônicos, como a tradução de Montaigne feita por John Florio, a tradução de Virgílio realizada por Richard

Stanihurst, além de um exame da personagem Penélope em variadas traduções da *Odisseia*. Dentre os assuntos abordados na coletânea estão a substancial relevância das línguas grega e hebraica para a formação da cultura na França e na Inglaterra; o papel da tradução na definição de diferenças nacionais; a tradução como ruptura no estado de diplomacia; a tradução como uma ferramenta para a filosofia cética; a tradução como meio de imaginar uma utopia linguística. O escopo dos artigos abrange especialmente reflexões metodológicas em relação à história cultural da tradução.

Sabe-se que as pesquisas a respeito das relações entre a França e a Inglaterra têm se beneficiado com crescimento da interface entre História e Estudos da Tradução. A tradução auxilia no entendimento dos fatores políticos e ideológicos que moldaram as relações entre a França e a Inglaterra, especialmente no período de grandes transformações compreendido entre os anos de 1500 e 1660. Desse modo, a coletânea considera cuidadosamente os processos multiculturais que possibilitaram a autores da Inglaterra renascentista terem acesso a textos da Antiguidade.

O primeiro artigo que compõe a obra é “From Cultural Translation to Cultures of Translation? Early Modern Readers, Sellers and Patrons” (Da Tradução Cultural à Culturas de Tradução? Leitores, Comerciantes e Patronos) de Warren Boutcher, que utiliza a *Renaissance Cultural Crossroads database* e mais três estudos de caso para definir o que pode ser considerado como cultura tradutória renascentista. No decorrer do capítulo inicial, através da comparação entre aspectos das culturas tradutórias inglesa e francesa, há uma detalhada descrição do cenário estudado, reforçada por gráficos que demonstram o fluxo de traduções para o inglês impressas na Inglaterra, Escócia e Irlanda, no período de 1473 a 1640.

O segundo capítulo, “Francis I’s Royal Readers Translation and the Triangulation of Power in Early Renaissance France” (Os Leitores Reais da Tradução de Francisco I e a triangulação de Poder

na França Renascentista), escrito por Glyn P. Norton, destaca a dimensão potencialmente subversiva que a tradução possui e questiona as concepções unilaterais de língua, texto e autoridade política e religiosa, considerando as relações de poder e o papel da tradução e interpretação nesse ambiente em plena Reforma francesa.

Em “Pure and Common Greek in Early Tudor England” (Grego puro e comum na Inglaterra pré-Tudor), o terceiro capítulo, Neil Rhodes retorna ao cenário inglês, enfatizando a importância da língua grega como um agente enriquecedor, através do qual se alcançou um novo patamar cultural. Para isso, o autor retoma a expressiva atuação de Erasmo e Thomas More como tradutores, sendo esses personagens imprescindíveis no estabelecimento de uma relação entre o grego, o latim e o inglês, no início do Século XVI.

O capítulo quatro enfatiza a estreita ligação existente entre tradução e ensino. Em “From Commentary to Translation: Figurative Representations of the Text in the French Renaissance” (Do Comentário à Tradução: Representações figurativas do texto na França renascentista), o pesquisador da Universidade de Manchester Paul White debruça-se no trabalho do editor parisiense Jodocus Badius Ascensius, envolvido diretamente com educação, impressão e publicação na França renascentista. As traduções feitas na França através das publicações de Ascensius revelam muitas questões sobre as práticas de escrita e leitura de seu ambiente, da tradução como ferramenta pedagógica, além dos ‘comentários particulares’, que, segundo White, apontam para uma nova perspectiva na relação entre tradução e comentário naquele contexto.

O capítulo cinco, redigido por uma das organizadoras da coletânea, Tania Demetriou, “Periphron Penelope and her Early Modern Translations” (*Periphron* Penélope e suas traduções na Idade Moderna), também explora a interface tradução-comentário, no contexto pedagógico inglês, especialmente no que concerne à recepção de textos clássicos. Tania Demetriou reforça a ideia de que traduzir

é necessariamente interpretar; comparando práticas pedagógicas de tradutores de obras épicas por toda a Europa, centraliza sua análise sobre a personagem Penélope, da *Odisseia*, de Homero. A partir da análise proposta, pode-se observar quais aspectos foram alterados na construção da personagem Penélope em diversas traduções ao longo do tempo, revelando mudanças na recepção da *Odisseia* que dizem respeito não apenas à condição feminina da personagem, mas à condição da mulher em geral.

Nos capítulos 6 e 7, o foco recai sobre as questões políticas e diplomáticas envolvidas com a prática de tradução na Europa renascentista. A pesquisadora irlandesa Patricia Palmer, em “Richard Stanihurst’s *Aeneis* and the English of Ireland” (A *Eneida* de Richard Stanihurst e o inglês da Irlanda), faz considerações sobre a tradução enquanto meio de formação linguística e da identidade nacional em seu país, a partir de um estudo de caso relacionado à tradução dos quatro primeiros livros da *Eneida* para o inglês, concebida em 1582.

O papel das mulheres tradutoras, que tem sido pouco explorado historicamente, recebe especial atenção nessa obra por meio do ensaio de Edward Wilson-Lee “Women’s Weapons: Country House Diplomacy in the Countess of Pembroke’s French Translations” (Armas femininas: Diplomacia nas traduções francesas da Condessa de Pembrok). O autor aborda o papel que as traduções em questão tiveram ao serem usadas como elementos importantes nas manobras diplomáticas de seu tempo. Nesse sétimo capítulo, o estreito vínculo entre tradução literária, diplomacia e identidade cultural e religiosa é novamente destaque. Edward Wilson-Lee menciona o papel de duas traduções anglo-francesas relevantes à luz das relações políticas entre os dois países durante a ascensão de Henrique IV.

Nos capítulos seguintes, a obra apresenta, sob uma visão mais epistemológica, dois estudos cujo objeto são traduções de expressões de Montaigne. Em “Peradventure in Florio’s Montaigne” (*Peradventure* no Montaigne de Florio), a pesquisadora Kirsti Sellevold,

da Universidade de Oslo, analisa os *Ensaio*s de John Florio, uma das mais destacadas traduções desse texto francês. Sellevold propõe reflexões sobre o modo através do qual as escolhas linguísticas recriam o texto para os leitores no contexto de recepção da obra traduzida, especialmente no que concerne às variantes possíveis para o uso de advérbios em diferentes versões.

“Translating Scepticism and Transferring Knowledge in Montaigne’s House” (Traduzindo Ceticismo e Transferência de Conhecimento na Casa de Montaigne), o nono capítulo da coletânea, John O’Brien se debruça sobre os procedimentos de escrita, bem como o pensamento idiossincrático de Michel de Montaigne, argumentando que a tradução é não apenas um meio transmissor de conhecimento, mas uma ferramenta de investigação dos princípios aristotélicos e escolásticos.

“Urquhart’s Inflationary Universe” (O Universo Inflacionário de Urquhart), de Anne Lake Prescott, é o décimo e último artigo da obra. Prescott mostra como a tradução esteve relacionada diretamente ao gênio criativo e à filosofia de Sir Thomas Urquhart, linguísta inglês. Urquhart realizou traduções da obra de François Rabelais, e destacou-se por produzir traduções eivadas de neologismos, que teriam ultrapassado em inventividade a escrita do próprio Rabelais.

Terence Cave redige o epílogo que encerra a coletânea. A professora emérita de literatura francesa na Universidade de Oxford enfatiza as principais contribuições dos artigos que compõem a coletânea e retorna à tensão inerente ao ato de traduzir: a necessidade de comunicação que subjaz a qualquer transferência linguística e cultural e as questões que estão na raiz de um dado sistema historicamente e culturalmente determinado. Além disso, Cave também nos convida a refletir sobre as especulações em torno do que se compreende comumente por uma boa tradução, sobre a recorrente questão da qualidade e das controvérsias em torno de dicotomias como estrangeirização e domesticação. Após o epílogo, o livro é encerrado por uma extensa bibliografia, seguida por um índice onomástico.

The Culture of Translation Early Modern England and France, 1500–1660 reforça a centralidade da tradução para a cultura da europeia durante o período da Idade Moderna, fornecendo ao leitor um amplo panorama do contexto intelectual, linguístico e ideológico em que ocorria a circulação de textos entre França e Inglaterra durante o Renascimento. Os artigos que compõem o livro oferecem diversos estudos de caso, o que auxilia na diversidade de conceitos expostos. A decisão de apresentar entradas bibliográficas contendo o nome do tradutor é significativa se considerarmos os recentes debates nos Estudos da Tradução, em que o conceito de autoria do tradutor e sua visibilidade estratégica tem estado cada vez mais em evidência.

É certo que a Renascença foi uma fase significativa para o desenvolvimento da história europeia e que a tradução foi fundamental para a difusão de valores e informações no período, de tal modo que qualquer historiador da Idade Pré-moderna e Moderna pode asseverar as grandes transformações culturais que ocorreram via tradução. *The Culture of Translation Early Modern England and France, 1500–1660* alcança com sucesso seu objetivo de contemplar variados movimentos culturais, históricos e políticos na Europa renascentista, ao conferir à tradução sua devida importância na circulação e propagação de informações nesse período. Um dos grandes méritos dessa coletânea é o olhar cuidadoso aos modos de produção, distribuição e recepção das traduções na França e na Inglaterra no início da Idade Moderna, contemplando satisfatoriamente, colocando em diálogo e de modo bastante equilibrado as realidades de ambos países.

Referências

Demetriou, Tania e Tomlinson, Rowan. *The Culture of Translation Early Modern England and France, 1500–1660*. United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2015, 244 p.

Recebido em: 17/05/2019

Aceito em: 22/07/2019

Publicado em: Setembro de 2019

Luciana Alves da Silva. E-mail: luciana2505@yahoo.com.br.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7571-357XD>